

---

**Mergulho nas cores e paisagens de Mariannita Luzzati - Com seu trabalho, artista plástica propõe uma desaceleração na forma como concebemos nosso entorno  
por Ingrid Melo, 2013**

---

“Antes que o sonho (ou o terror) tecera/ mitologias e cosmogonias,/ antes que o tempo se cunhasse em dias,/ o mar, sempre o mar, já estava e era./ Quem é o mar?”. Talvez essa pergunta feita pelo poeta argentino Jorge Luis Borges estivesse pairando na cabeça da artista plástica Mariannita Luzzati (hoje morando em Londres) quando ela carregou o pincel com suas cores cítricas para pintar as telas que compõem a mostra “Mar”, cuja vernissage ocorre hoje, às 19h, na Galeria Amparo 60. Contudo, assim como é costume nos trabalhos da paulista, há bem mais mistérios do que uma resposta propriamente dita insinuados nos seus contrastes arriscados de verde e laranja, vermelho e roxo, com toques de negro.

Segundo o crítico Fernando Cocchiarale, as paisagens de Mariannita emergem dos limites de uma luminosidade que não define a forma das coisas e produz fantasmas entrevistados à contraluz. Nas pinturas da exposição, datadas de 2007 a 2012, ela se vale de imagens marinhas que nos parecem familiares e as torna inquietantes, em suas cores quase diabólicas em óleo diluído e lona.

Mariannita cutuca nossas memórias afetivas, nossos domingos e feriados cheirando a maresia, com a origem sombria de uma imensidão de águas que faz de todos nós a própria Atlântida, a ponto de sermos inundados a qualquer instante - principalmente devido aos habituais formatos extensos das obras, que não nos deixam escapar.

Não é qualquer panorama que ganha a atenção da artista. Para instigá-la, é preciso que exista uma aura no lugar retratado - reconhecida por meio do seu olhar provocativo. Com uma câmera que sempre está à mão, ela registra essas paisagens. Mantém o foco fixo no horizonte, define linhas, espaços e aspectos - de montanhas, nuvens ou navios - e, mais tarde, em seu ateliê, manipula tudo para um novo fim.

Esse processo de criação da peça artística é extremamente caro à Mariannita, que propõe uma desaceleração na forma como concebemos nosso entorno. Por isso, em seus ambientes não há cenas urbanas ou interiores, objetos de intensa modificação humana. A ela, interessa recriar o primitivo, apontar o assombro das coisas elementares.

De certo modo, isso recorda outro poema de Borges. “O mundo é feito de algumas tenras impressões./ O rio, o primeiro rio./ O homem, o primeiro homem”, ele escreve. Com seu jogo ambíguo entre realidade e devaneio, a artista plástica transmuta esses suaves deslumbres que a invadem em objetos de profunda contemplação.

**Texto de Ingrid Melo para a Folha – PE sobre a Exposição Mar de Mariannita Luzzati na Galeria Amparo 60, Recife em 2013.**

---

## As Paisagens Sonoras de Mariannita Luzzati por Fergs Heinzelmann, 2012

---

Com Paisagens Sonoras, Mariannita Luzzati criou mais que uma compilação de suas pinturas. A artista leva para a Baró Galeria, em São Paulo, uma instalação, formada por seis trabalhos em grande escala, acompanhados por sons relacionados a estas obras.

A mostra é composta por painéis, que reproduzem paisagens das cidades de Vitória, no Espírito Santo, e do Rio de Janeiro. Luzzati esteve nestes lugares para fotografá-los, depois fez uma adaptação das imagens fotografadas, em óleo sobre tela, apagando qualquer intervenção humana que houvesse neles. “São cidades e lugares que nas últimas vezes em que estive observando, tive uma vontade imensa de retirar tudo o que existia de urbano e anular os vestígios da civilização, a fim de restabelecer a condição primária da paisagem em sua origem, criando um retorno das mesmas ao seus estados naturais”, explica a artista. Para recriar estas paisagens, ela fez uma ampla pesquisa com fotos antigas e até mesmo gravuras da época do descobrimento.

E se por um lado as pinturas apagam os traços humanos, os sons que integram o restante da instalação, retomam a interferência das pessoas no contexto urbano. Eles foram captados nas mesmas cidades retratadas nas telas, registrando o ambiente sonoro destes locais. “O diálogo com as pinturas acontece com pausas de silêncio são interferências que ocorrem como uma respiração. A ideia foi a de colocar o expectador em um estado de reflexão e contemplação onde o silêncio é o mais importante. Fiz várias edições nas gravações, pois eu queria que o resultado não fosse agressivo, o que acabou resultando em uma paisagem sonora urbana que confunde o espectador. Muitas vez o público acha que o ruído vem da rua” conta Mariannita.

**Texto de Fergs Heinzelmann, website BLOUINARTINFO, sobre a exposição Paisagens Sonoras de Mariannita Luzzati na Baró Galeria em 2012.**

---

## **Luzzati descobre e se entrega às cores por Demetrius Caesar, 2000**

---

Mariannita Luzzati era uma artista que se preocupava muito com a luz e com as formas, ambas estudadas em grandes telas monocromáticas. Os tons eram discretos, com gradações suaves. O registro pictórico ficava em segundo plano.

Entretanto, na exposição que abre hoje na galeria Thomas Cohn, a artista tem a cor como objeto principal. As imensas telas -a maior chega a 1,88 x 2,50 m- , com armações que ela mesmo corta e faz no estúdio, trazem a bagagem que adquiriu, só que com vermelhos e amarelos em profusão em meio às suas massas e luzes características.

O trabalho parte de fotografias que Mariannita tira do mar, sempre com o ponto fixo no horizonte. Essas imagens servem para a artista definir as linhas, os espaços e as formas que compõem cada obra. Em três delas, aparecem figuras humanas, em negro.

“Minha preocupação é que essas formas não tenham volume, mas façam vibrar a cor”, afirma. Os quadros têm a característica de serem planos e com pouca profundidade, criando climas quentes. Campos abertos e o infinito são um convite à reflexão.

Paulistana, Mariannita Luzzati radicou-se na Inglaterra logo depois da Bienal de 92, da qual participou. Passa quatro meses por ano no Brasil, num ateliê que mantém em São Paulo. A última exposição aqui foi há três anos.

Explicando essa quase ausência, Mariannita diz que seu processo de pintar é lento. “Depois do tempo gasto em pintar, vem um segundo momento, o de olhar”, diz. A artista trabalha devagar, usando várias camadas muito finas de óleo bastante diluído, tomando o cuidado de deixar tranças para que a cor do fundo seja ressaltada.

Como pintora, Mariannita desenha nos quadros antes, mas não fica presa às linhas, apesar de ter estudado desenho com Carlos Fajardo. Prefere o jogo de cores que já experimentou com a gravação, técnica que aprendeu com Evandro Carlos Jardim. Suas gravuras tiveram exposições apenas em Londres.

A exposição de Mariannita Luzzati faz parte da série “Morte da Pintura”, que já mostrou Fabio Faria, Walter Goldfarb e Rodrigo Cunha. O objetivo é justamente o oposto do que diz o nome: mostrar que a pintura continua viva e que não acabou, como preferem alguns críticos e historiadores.

**Texto de Demetrius Caesar para a Folha de São Paulo sobre a exposição de Mariannita Luzatti na Galeria Thomas Cohn em 2000.**

---

**Mariannita Luzzati: pinturas  
por Agnaldo farias, 1991**

---

“(…) Com suas telas Mariannita Luzzati demonstra-nos que o pintor é aquele que mais se confronta com o visível. Trata-se da reação extremada de quem - assim como qualquer um de nós - percebe-se vivo e visível na medida em que vê as coisas e a si próprio entre elas. Escora-se no todo ao seu redor para nele se movimentar. Descobre, enfim, que o visível, por ser sua referência tão essencial é também parte intrínseca de si mesmo. (...) Grande parte da produção moderna de pintura construiu-se percorrendo esses caminhos, como mensageiros que se cruzam na travessia desses dois territórios. E é neste vértice que Mariannita Luzzati iniciou sua trajetória ainda tão recente. Daí suas telas pendularem falsamente indecisas entre a figuratividade e a abstração. A bruma que as impregna é premeditada: enfatiza que o que vemos das coisas é só a sua região mais exterior, nunca sua intimidade. Mas isto não é pouco e é justamente isto que seus quadros contam: eles celebram a aliança que se estabelece entre o olho, o objeto contemplado e a luz que faculta o encontro de ambos. Retoma a lição de Monet, que sabia e buscava nas coisas a luz que as fazia desabrochar no chão da retina. Assim, a quase imaterialidade das telas de Mariannita, sua aparência vaga e difusa, deriva do fato de que tudo, afinal, acaba como que raptado pela atmosfera, esvanece-se quando mergulhado na luz”.

**Texto de apresentação de Agnaldo Farias para exposição individual de Mariannita Luzzati no Subdistrito Comercial de Arte em São Paulo em 1991.**